

Nova crise leva ao caos o transporte coletivo

Fernando Künsch

A segunda intervenção decretada na Viação Planeta em menos de um ano, além da queda desenfreada da qualidade do serviço prestado à população — principalmente de periferia e do aumento de greves no setor, mostra, com muita transparência, que o sistema de transporte coletivo caminha para o caos: A culpa pela atual situação acaba recaindo sobre a falta de uma política econômica que responda aos anseios da população brasileira mas não faltam ataques às várias partes envolvidas no setor: Governo, empresários, usuários e rodoviários.

Para isso, várias questões

foram levantadas a representantes dos diversos segmentos envolvidos na questão, que apresentam opiniões das mais variadas. As perguntas foram respondidas por: Helvécio Uliana (presidente da Companhia de Transporte Urbano da Grande Vitória — Ceturb-GV), José Bernardino Macedo (porta-voz da Viação Planeta), Paulo Mattedi (presidente da Federação das Associações de Moradores de Cariacica — Famoc) e Rosinaldo das Neves Ferreira (delegado do Sindicato dos Rodoviários). Apenas uma questão apresenta resposta unânime na opinião dos entrevistados. A população é a maior prejudicada com a atual crise no transporte coletivo.



Foto de Ailton Lopes

Enquanto se discute de quem é a responsabilidade pela crise no setor, a população sofre com a má qualidade do serviço



Helvécio Uliana culpa a inflação e afirma que não existe crise no setor



Macedo acha o Projeto Transcol perfeito, mas sua gerência é manca e caolha



Mattedi considera péssima qualidade do serviço e culpa empresário por não investir



Rosinaldo diz que só mesmo a pena de morte para resolver problema do setor

De quem é a responsabilidade pela atual crise no transporte coletivo intermunicipal da Grande Vitória?

Crise — “Não há crise no sistema de transporte coletivo intermunicipal. Há muitos problemas e o responsável maior é a inflação galopante. A falta de uma política econômica traz consequências para a tarifa, que é o sustentáculo do funcionamento do serviço. Os problemas do transporte só poderiam ser resolvidos se houvesse maior empenho do Governo federal e mais discussão e acompanhamento através do Congresso Nacional e assembleias legislativas, para se ter maior cobrança. Aos empresários cabe uma parcela da responsabilidade, por apenas cobrarem tarifa maior e não terem uma visão mais ampla da atual conjuntura. No passado, o Codivit influenciou muito para a queda da qualidade do serviço prestado”.

Fracasso — “O transporte coletivo no Espírito Santo é um fracasso. O Governo é o responsável pela atual crise no sistema. Apesar de haver uma crise econômica no país, o Governo deveria ter competência para solucionar os problemas no transporte da Grande Vitória, já que é na dificuldade que o competente cresce. Nós apostamos que o novo Governo que se instalará no país administre com competência a crise no transporte brasileiro, já que, na Grande Vitória, desde o início do atual Governo, a qualidade do serviço vem caindo devido a medidas tomadas com incompetência, levando o sistema ao fracasso”.

Mercado livre — “O transporte coletivo passa por uma crise no país inteiro e podemos notar que os empresários são os maiores responsáveis por não aceitarem o controle do sistema pelo Governo. Eles querem continuar com o mercado livre e explorar uma atividade que é obrigação do Estado oferecer à população, como são a saúde e a educação. Na Grande Vitória há um agravamento, já que a Ceturb—GV tem o controle sobre o transporte e os empresários querem desestabilizar o sistema. A Planeta hoje pode ser um teste para o que pode vir a acontecer no futuro, já que na atual especulação financeira ninguém gosta de se sentir controlado. Querem ganhar cada vez mais”.

Subsídios — “A responsabilidade pela atual crise no transporte da Grande Vitória é do poder concedente, ou seja, do Governo, que não dá subsídios para os empresários manterem as empresas. Em segundo lugar, as planilhas de custo não remuneram os verdadeiros gastos que as empresas têm com os funcionários, o que leva aos impasses e às paralisações. Se o Governo tivesse consciência e responsabilidade, ajudando o empresário, a situação do transporte não estaria ruim como está. Eu não dou mais um ano para o transporte da Grande Vitória”.

Qual é o maior prejudicado com os problemas no setor de

Prejuízo — “O trabalhador de um modo geral é o principal prejudicado com a atual situação do transporte coletivo. A inflação pode levar à necessidade de se ter até mesmo reajustes quinzenais na tarifa, mas antes disso será necessária uma mudança também na política salarial, com o pagamento de salários aos trabalhadores quinzenalmente. Deve haver ainda maior divulgação do vale-transporte para amenizar o impacto dos reajustes tarifários. As forças contrárias de alguns segmentos da classe empresarial no pas-

Povo — “O povo sempre é o maior prejudicado. O empresário tem competência para sair do negócio, entrar em outro e se dar bem. É uma classe empresarial de primeira, formada por homens sérios que foram motoristas e conseguiram o que têm por capacidade pessoal. Eles são tão competentes que nunca se meteram em política. A falta de preparo de governantes só traz prejuízos para a população”.

População — “O maior prejudicado com a atual crise no transporte coletivo a curto, médio e longo prazo é o povo. As empresas não investem no transporte já que a atual frota deveria ter sido encostada como sucata, mas continua rodando. Não há sinal de investimentos no setor. Não dá para acreditar que as empresas estão falindo, já que estão aplicando em outros setores como fretamento e turismo e estão reclamando apenas do transporte coletivo. Há falta de ônibus, o que leva a esperar horas para conseguir o

Usuário — “O trabalhador rodoviário é prejudicado com a atual situação do transporte coletivo da Grande Vitória, mas o usuário é ainda mais. Ele depende do transporte para ir trabalhar e muitas vezes chega atrasado devido à precariedade do sistema. Há muita instabilidade, já que pode ocorrer de o Governo intervir em uma das empresas, o sistema parar e o usuário ficar sem alternativa para ir para casa, se não tiver dinheiro para pagar um táxi”.

no setor de transporte coletivo?

transporte para amenizar o impacto dos reajustes tarifários. As forças contrárias de alguns segmentos da classe empresarial no passado também refletem atualmente na queda da qualidade do serviço, que é sentida pelo trabalhador no dia-a-dia”.

meteram em política econômica. Os governantes só traz prejuízos para a população”.

quando em outros setores como tratamento e turismo e estão reclamando apenas do transporte coletivo. Há falta de ônibus, o que leva o usuário a esperar horas para conseguir o transporte, e nos ônibus o passageiro tem de conviver com a falta de segurança e o desconforto”.

ma parar e o usuário ficar sem alternativa para ir para casa, se não tiver dinheiro para pagar um táxi”.

A intervenção na Viação Planeta foi uma medida justa tomada pelo Governo?

Intervenção — “Não se trata de ter sido uma medida justa ou não. Foi uma solução que tinha de ser tomada em um primeiro momento. A Planeta assinou um acordo durante a primeira intervenção comprometendo-se a comprar ônibus padron para o sistema e fazer parte de sua operação, através da empresa União. Também assinou um contrato de permissão com a Ceturb-GV sem questioná-lo. De repente, notifica sua saída enquanto o Governo vem cumprindo a promessa de uma política tarifária real, mas não é culpado pelo momento de inflação galopante do setor. A empresa não procurou o diálogo e como empresas novas aguardam uma estabilização da economia, não tivemos outra saída senão intervir para garantir o transporte”.

Curativo — “O Governo não teria saídas para resolver o problema gerado com o anúncio da saída da Planeta do sistema. A alternativa era a intervenção ou a intervenção. Entretanto, a intervenção é apenas um curativo e não solução para os problemas no transporte, principalmente onde empresas caminham para a falência sem que haja mudanças na política de transporte da Grande Vitória. Em todas as crises, chega-se a um momento onde deve haver uma decisão definitiva, tipo matar ou morrer”.

Ruas vazias — “A intervenção foi a única alternativa do Governo, senão no dia 22 as ruas de Cariacica estariam vazias e o povo nas calçadas. Entretanto, acho que o Governo já deveria ter tomado outras medidas em relação à Planeta. Hoje é muito fácil a empresa falar que vai sair e deixar ônibus sucateados. O Governo deveria ter feito cumprir o acordo para a compra de ônibus novos para o sistema. Além disso, cobrar os ônibus que foram desviados para empresas de fretamento”.

Responsabilidade — “O Governo diz que foi sua única alternativa. Porém, acho que se o Governo tivesse responsabilidade e consciência antes do anúncio da entrega da empresa, poderia ter evitado o problema. Com a intervenção, os problemas da Planeta não serão resolvidos. Em primeiro lugar, o Governo não tem material humano capacitado para administrar a empresa. São homens da Polícia Militar que estão à frente da Planeta. Eu nunca vi uma coisa dessas. Está havendo problemas no pagamento do pessoal que estava de aviso prévio e nós vamos entrar com uma ação na Justiça para que o pessoal não seja prejudicado”.

A influência de políticos atrapalha ou ajuda o setor?

Política — “O Governo do Estado, através da Ceturb-GV, conduz a questão do transporte dentro da máxima racionalidade técnica. Apesar de haver um plano técnico, é necessário haver sensibilidade social e percepção política sem cair na demagogia e no populismo. Deve-se buscar o consenso entre as partes envolvidas no transporte. Os empresários exerceram grande influência política no passado. No transporte coletivo, não se pode negar que há muito interesse político-eleitoreiro, mas de forma isolada. Lideranças de bairros também colocam problemas e formas de solucionar a questão de maneira demagógica, principalmente no período eleitoral”.

Extinção — “O transporte coletivo urbano em todo o país foi eleito como um cavalo de batalha nos comícios, principalmente no Espírito Santo, já que é um setor que permeia todas as atividades da sociedade. Por isso, movimenta a opinião pública de forma imediata. Nos comícios, há muita promessa de melhoria sem planejamento e quando são colocadas na prática, em pouco tempo tornam-se inviáveis. O projeto Transcol, por exemplo, é perfeito na sua concepção, mas como o atual Governo precisa de um retorno político em quatro anos, sua aplicação está sendo feita de trás para frente. Hoje temos só metade dos ônibus e dos terminais. O projeto é bonito e com boa intenção, só que a sua administração é manca e caolha”.

Influência — “Tenho dúvidas de que atualmente haja influência política no transporte coletivo. A Ceturb-GV, posso dizer, é um órgão apolítico e suas decisões são tomadas com base em dados técnicos. No Codivt nunca foram tomadas posições políticas, mas técnicas. O transporte coletivo hoje tem um calendário de reajustamento tarifário e o empresário não tem motivos para reclamar da demora na concessão de aumentos na tarifa, o que lhe dá maior segurança no sistema”.

Políticos — “No Brasil a política atrapalha em tudo. Os políticos usam as comunidades, o trabalhador e o próprio Governo para construir uma máquina de promoção, e só tiram da sociedade para ganhos próprios. Nenhum vereador ou deputado tentou mediar o problema da intervenção. Na hora de pedir o voto, dizem-se defensores da sociedade, mas na hora de uma situação crítica no transporte coletivo eles se omitem. Infelizmente, a política é uma vergonha no Brasil. O Governo deve ver o transporte como um setor essencial, mas que está sujeito aos aumentos nos insumos e deve conceder uma tarifa que remunere os gastos. Por isso, não deve conceder tarifas baixas que inviabilizem o setor. A população não se importa de pagar mais, desde que haja qualidade”.

Como você classifica a qualidade do serviço de transporte coletivo na Grande Vitória?

Qualidade — “Se o quadro atual no país é crítico, na Grande Vitória eu diria que a qualidade do transporte coletivo intermunicipal é regular. Algumas linhas estão de regular para ruim, mas também para bom. Em Estados maiores que o Espírito Santo a qualidade é bem inferior. Na Grande Vitória, a implantação gradual do projeto Transcol trouxe muitas melhorias para o sistema, apesar de ter muita coisa ainda a ser feita. O transporte ficou mais de 30 anos sem iniciativas do porte do Transcol, tanto em nível de Governo quanto de empresários. Hoje, terminais e ônibus padron, com a racionalização de linhas e a tarifa única, são o início de uma modernização do transporte na região”.

Experiência — “A qualidade do serviço de transporte coletivo na Grande Vitória poderia ser bem melhor e o projeto Transcol poderia estar todo implantado há pelo menos três anos, se o Governo tivesse ouvido os empresários do setor, que são homens com mais de 30 anos de experiência. Até a Câmara de Compensação Tarifária não está servindo como instrumento que deveria ser, de minimizar o impacto dos custos para a população no preço da passagem, e hoje notamos pelos relatórios que a Ceturb-GV não acompanha a velocidade dos acontecimentos no transporte. Não dá para ficar formando comissão, e fazendo reunião enquanto o povo esta na calçada. Decidir com velocidade requer competência”.

Análise — “A qualidade do serviço na Grande Vitória é péssima. Para qualificar é necessário analisar dois fatores: existem ônibus padrons novos que são confortáveis e dão certo alívio ao usuário. Por outro lado, existem verdadeiras sucatas perambulando pela Grande Vitória. Um exemplo são os ônibus da Planeta que fazem a linha Viana—Serra Dourada I, que há poucos dias tinham carrocerias novas e hoje são velhos mesmo, já que os melhores foram transferidos para outros setores”.

Pena de morte — “A situação do transporte coletivo da Grande Vitória está o caos. Só a pena de morte resolve o problema. Existem outros Estados até com menores poderes de controle do sistema de transporte coletivo, mas que oferecem um maior conforto e qualidade ao serviço prestado. Aqui na Grande Vitória é uma vergonha, circulam ônibus velhos que não oferecem a menor condição de transporte para a população. O usuário paga mas não tem nada de volta. É um absurdo e o serviço de transporte de passageiros está no fim”.

Na sua opinião, o que precisa mudar no sistema?

Mudanças — “Em primeiro lugar, é necessária uma mudança na política econômica do Governo Federal, em nível de investimentos no poder público, ampliação do prazo para investimentos em frota e também uma política de insumos para o setor. Já o empresário local deve acreditar mais no setor e se articular em nível nacional para oferecer subsídios para mudanças na política econômica voltada ao setor de transporte, e não ficar só exigindo tarifa. No ponto de vista do trabalhador rodoviário, deve haver maior procura pela negociação antes de partir para a paralisação e penalizar o usuário. O Governo do Estado tem feito o que é possível e busca canais de contato com a população, para evitar transtornos”.

Humildade — “Para mudar a atual situação é necessário ter humildade para dizer não sei e esquecer o orgulho, aproveitando a experiência de homens humildes que têm a experiência no calo das mãos e não no ouro dos anéis de formatura, como membros do Governo. As grandes mudanças no transporte coletivo nunca foram dialogadas. Começava-se o diálogo dias antes de se decidir pela implantação de um projeto do porte do Transcol, com mais de mil páginas, e não havia condições de conversar. O que se estudava em nove meses, tínhamos apenas três dias para estudar. Esse mesmo desrespeito que sempre houve para o empresário, está havendo com o povo”.

Decisão — “Qualquer mudança no transporte coletivo intermunicipal exige decisão política do Governo de dizer que é papel dele dar condições de transporte para a população. Deveria ainda ter condições de colocar o projeto Transcol realmente para funcionar, já que é uma boa proposta, comprando mais ônibus. Nas reuniões entre as comunidades e a Ceturb-GV sempre foi passado que o Transcol é a solução para os problemas da Grande Vitória e temos acreditado nisso. Esperamos que o Governo tenha capacidade para nos informar se problemas surgirem na sua aplicação”.

Direitos — “É preciso que sejam colocadas pessoas competentes e que conheçam a fundo o serviço de transporte de passageiros. É preciso que se respeitem os direitos dos usuários, além de se achar uma fórmula de haver maior sobrevivência da frota. As prefeituras devem contribuir mais na solução dos problemas do transporte. Devem ocorrer reformas na malha viária dos municípios, já que em algumas linhas é inviável o tráfego de ônibus. Se eu fosse empresário também abandonaria o serviço em algumas linhas”.